


revista

Carla

ANO II - Nº 06 - 12 DE FEVEREIRO DE 2013



Quando a vida se vai
e a paisagem é despedida,
fica nos olhos o cinza,
fica no peito a ferida.
Mas o amor nunca se vai
e amor também é vida.

Christina Ramalho

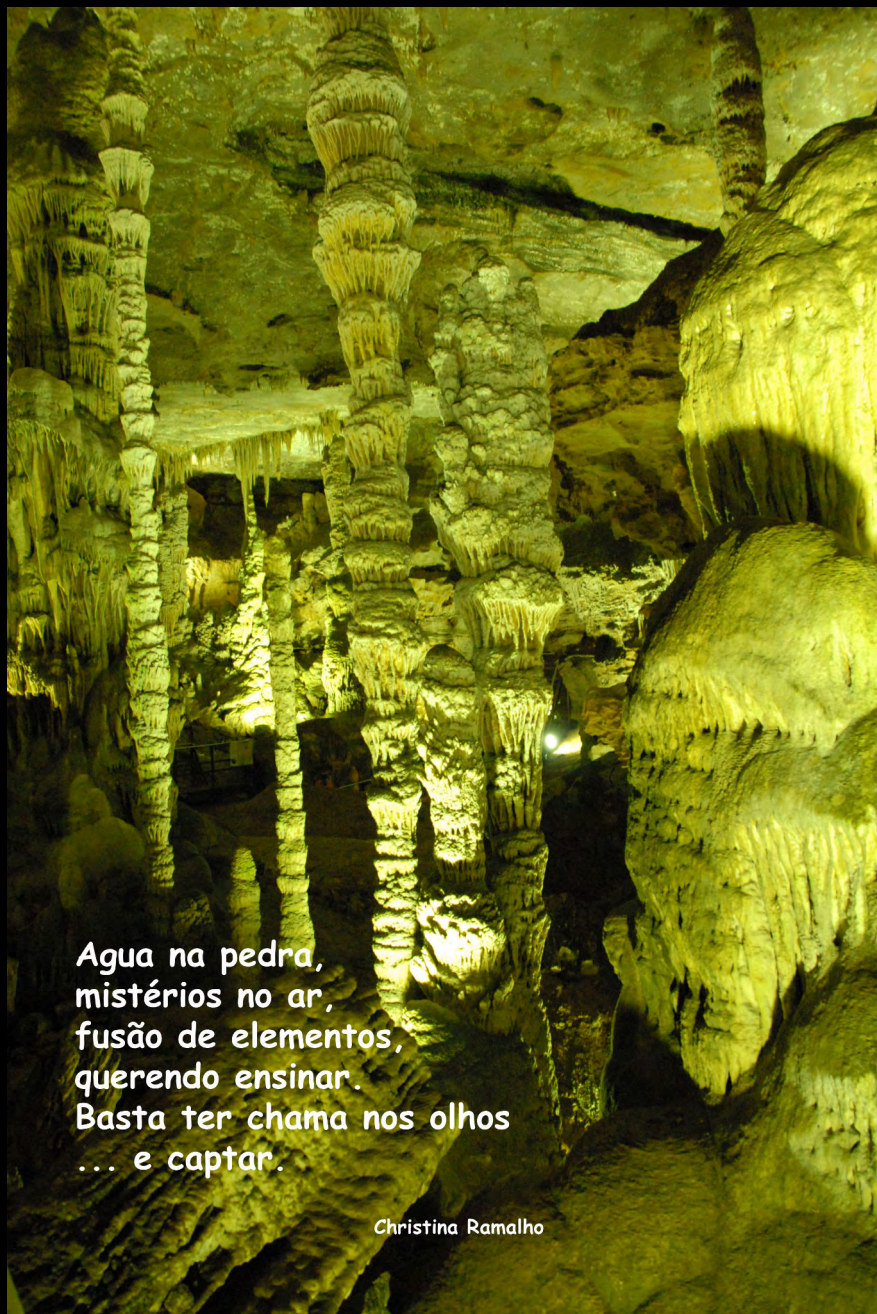
Aos jovens de Santa Maria-RS, com carinho.



Editorial

Eu não tenho nada para falar. Os jovens de Santa Maria, vítimas ou não da tragédia da boate Kiss, já falaram por mim. A dor dos seus familiares e amigos, também. Tenho em minha casa uma camisa da UFSM que ganhei de presente de um desses jovens há cerca de dez anos, meu pranto foi derramado em cima dela. Só isso. Nada mais.

Rosângela Trajano
Editora



Água na pedra,
mistérios no ar,
fusão de elementos,
querendo ensinar.
Basta ter chama nos olhos
... e captar.

Christina Ramalho

Beijo da morte

Beijo!

Kiss!

Sorveu vidas que mal floresceram

Sufocadas em nuvens ácidas

Da omissão,

Do desespero!

Perdidas na angústia de um labirinto

De uma saída

(somente uma!)

Por antecedência

Atestado de óbito.

Ah, Santa Maria... Rogai por nós!

Rogai pelos nós cegos pela ganância

Rogai jovens vidas que pra sempre serão!

Rogai pelo aperto dolorido, eterno nos corações das mães e pais,

Rogai pelo olhar triste dos irmãos,

Dos amigos que choram,

Imploram,

Por justiça!

Beijo mórbido

Queimando faces geladas

Sem vida,

Na face de tantas criaturas vividas!

Faceiras!

Ah, beijo de morte,

Roubando

A última brincadeira,

A última declaração de amor!

Morrer num beijo de fogo

Sufocados!

Ardendo em meio a escuridão

Trazendo a luz, o lado negro da ganância desenfreada e irresponsável.

Negra como a densa e venenosa fumaça

Que os levaram... Pra sempre...

Embora o pra sempre não exista!

Mártires pra que repensemos, todos

Sobre o que estamos a fazer,

Com a vida!

Piá Montenegro



Criamos e retiramos cercas...
Mas, mesmo
com o caminho livre,
ficam na memória
os limites que criamos.

Christina Ramalho

A morte como fim e como começo da vida

A morte de um alguém que se ama, é dolorosa.
É ela o adeus final, que desespero traz
Para aqueles que creem que neste mundo jaz
A vida em seu total: medíocre ou gloriosa.

Mas um'outra vida, pra nós, misteriosa,
Ao crente que acredita que ela exista faz
Que ele aceite a morte de quem ama, em paz,
Sabendo-o num lugar de honra decorosa.

A morte em si, eu sei, não tem nenhum sentido,
Praqueles que não têm na alma um sentimento
De fé e de esperança do poder Divino.

Porém se você tem um espírito convertido,
Que crê, convictamente, em Deus, todo momento,
A morte é vida eterna. Dos seres, seu destino.

Rosa Regis

Natal/RN – 10.02.2013 – 14:51

Uma história triste

A juventude, plena de energia,
De desejos, vontade de viver,
Age sempre com vistas a crescer
No conceito daquele que a avalia.

E o jovem, com certeza, se associa
Àquele que com ele tem a ver
Nos melhores momentos de lazer
Para, assim, demonstrar sua alegria.

Foi assim, eu me lembro, e vai ficar,
Para sempre, gravado na memória,
Como parte integrante de uma história.

Uma história de dor, sem alegria,
Que, afinal, enlutou Santa Maria ¹,
E ao Brasil inteiro fez chorar.

Rosa Regis

Natal/RN

07 de fevereiro de 2013

¹ Santa Maria RS – tragédia na Boate Kiss
Com 239 mortos e dezenas de feridos



LAU SIQUEIRA nasceu em Jaguarão-RS e reside na Paraíba. Publicou 5 livros e poemas, escreve artigos sobre literatura, arte e políticas públicas para portais, jornais e revistas.

RAZÃO
NENHUMA

o que escrevo
é apenas parte
do que sinto
a outra parte
finjo que minto
e acredito

DEUS

fingiu que estava
criando o mundo
trabalhou seis dias
oito horas em dois turnos
salário de cento e oitenta
pregos

ornamentou noites
criou nuvens
e ventos
do barro fez a criatura

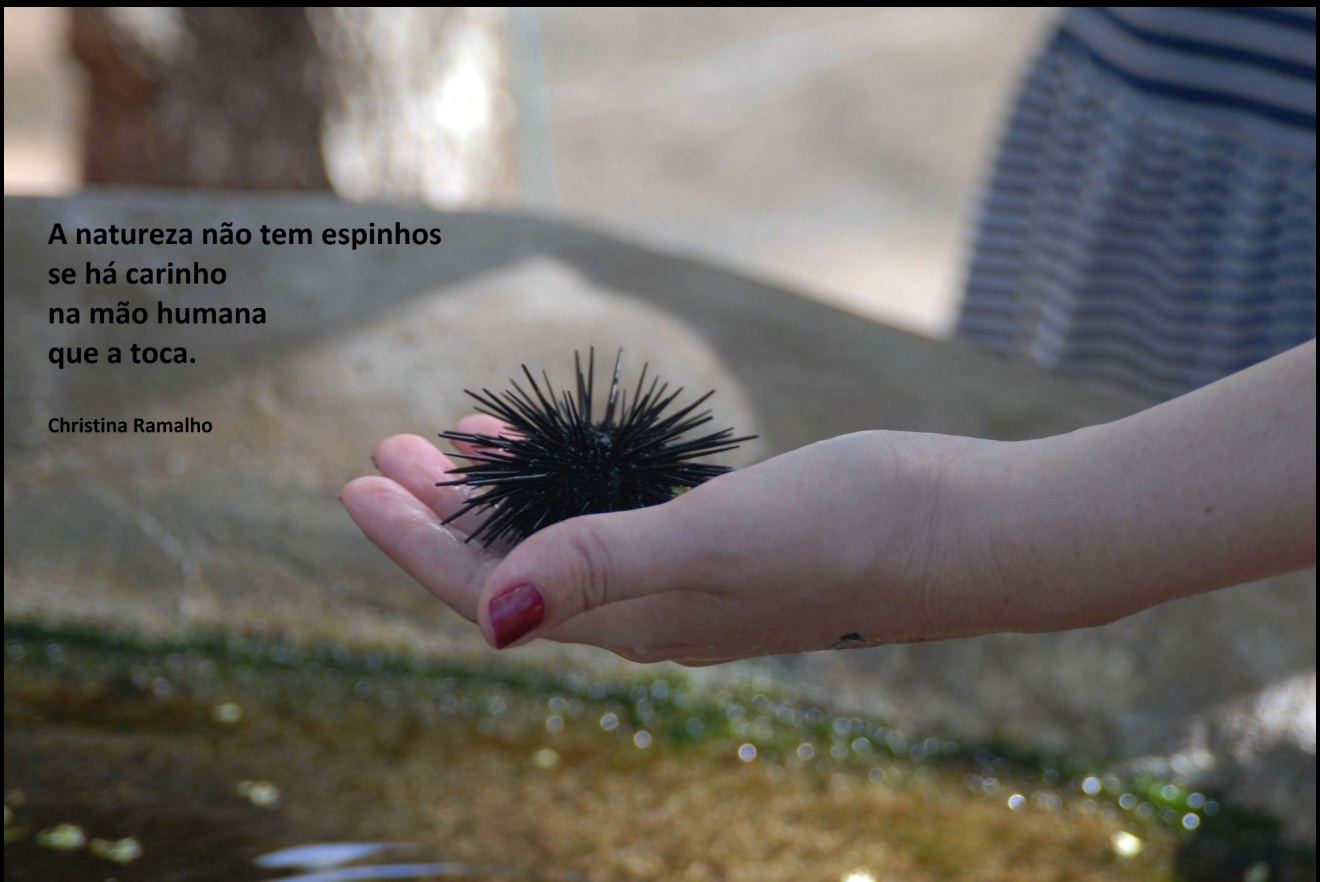
num sopro
o inventário das paisagens
uma vez pronta a maquete
exonerou-se
e ficou mudo

hoje
dies dominicu
reaparece com trezentas
mil faces midiáticas
(dizem que vive em tudo)

Esses poemas estão no livro Sem Meias Palavras, 2002, Editora Ideia-PB e na antologia Na virada do século - Poesia de Invenção no Brasil (Frederico Barbosa e Claudio Daniel – organizadores)

A natureza não tem espinhos
se há carinho
na mão humana
que a toca.

Christina Ramalho



Uns brasileiros

João Paulo Santos Silva ¹

Gavroche

Uma brincadeira infantil

Furtar sonhos,

A singeleza da vida

Cooptada pelo crime

Criminaliza o inocente

Condena o indivíduo à vida marginal

Fantine

Tão logo o homem

Vire mercadoria,

O capitalismo atingiu o seu auge

Vender o invendável

É mais que uma promoção:

É queima de estoque

O sacrifício pela sobrevivência

Não pode significar morte da vida:

O entregar-se pelo outro, contudo,

É a maior prova de amor (que não se compra)

Javert

A lei pra ser legal

Tem que ser seguida à risca,

Sem subjetividades, “sem floreios”

¹ João Paulo Santos Silva é graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, e atualmente pesquisa Os modos do Cômico em Oswald de Andrade, vinculado ao projeto que estuda as manifestações da comicidade no Modernismo brasileiro.

Assim, fria
Gélida,
mecânica
será justa?
Fará justiça?
A materialização do Código
Impõe-se às pessoas:
O criminoso se safa;
O inocente sofre com
O trânsito em julgado.

Marius
Um dentista mineiro,
Não obstante ter sido um
Revolucionário, um idealista

Morreu degolado pela sua condição social:
Único pobre entre os acusados.
Suas ideias, porém, immortalizaram-se
Na história da luta contra a opressão:
O homem passa, os ideais perpassam.

Thenárdier
Os colonizadores querendo civilizar
Os selvagens foram selvagens também:
Escravizaram homens, mulheres, índios.

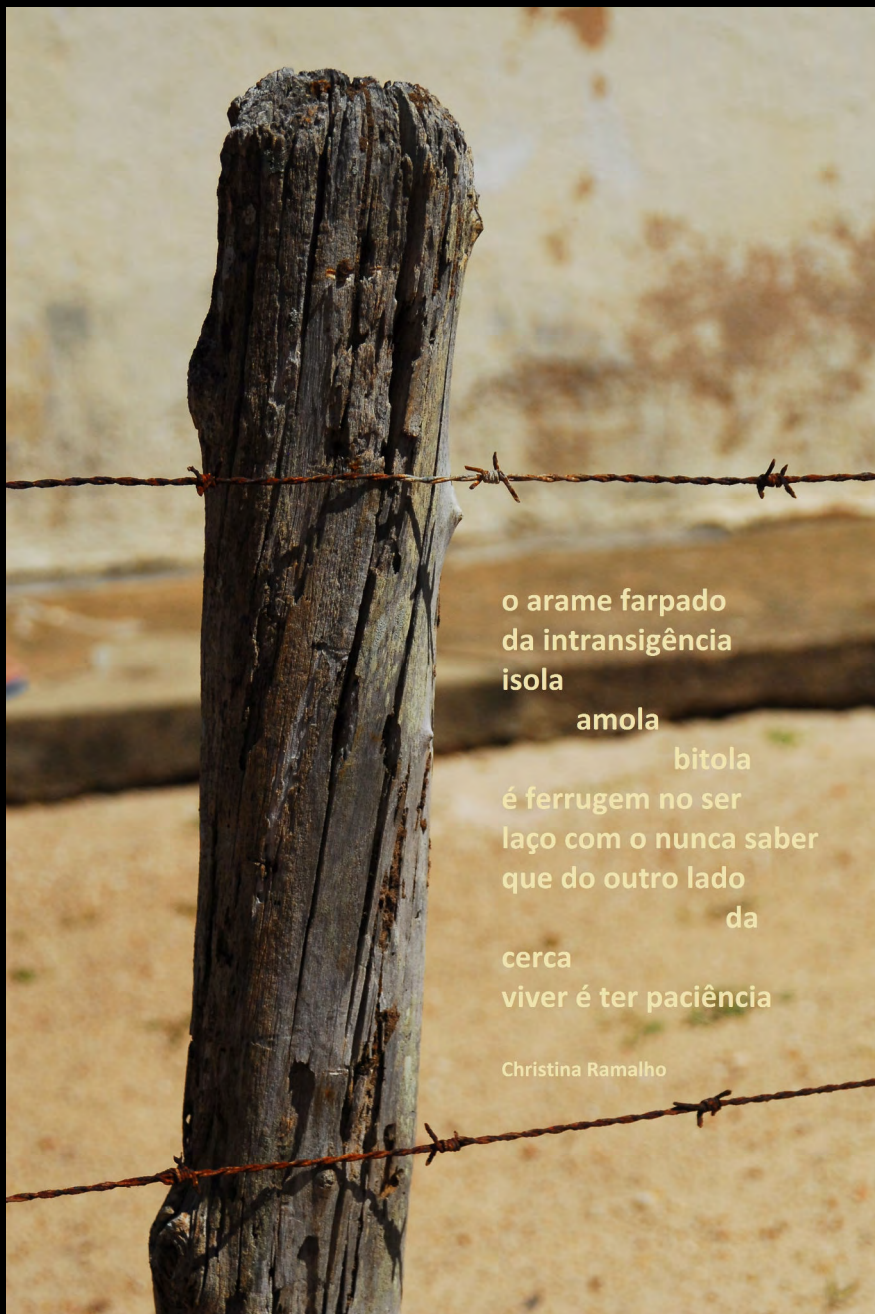
E como galardão, viram seus nomes
cravados no Panteão do Heróis Nacionais.

A ESCASSEZ

Alfredo Henrique Oliveira Marques

Muitas coisas podem ser aterradoras, a guerra para os perdedores, a fome para os famintos e a doença para os doentes, a solidão para os solitários e a impotência para os subjugados. Mas, nada disso atinge todos os homens ao mesmo tempo, e nada disso parece descaracterizar o homem; podemos ainda dizer: o homem faminto, o homem solitário, o homem perdedor, o homem enfraquecido, o homem dominado, o homem abandonado. O que é realmente aterrador para o homem?





o arame farpado
da intransigência
isola
amola
bitola
é ferrugem no ser
laço com o nunca saber
que do outro lado
da
cerca
viver é ter paciência

Christina Ramalho

À procura de um sorriso

Christina Ramalho

Folheava distraída o caderno de “Classificados” quando um anúncio lhe chamou a atenção: “Procuro um sorriso para enfeitar meu rosto”. Eu, hein, que tipo de anúncio é esse? Cada coisa que aparece... Quem em sã consciência pensaria em publicar algo assim? Procuro um sorriso... Ridículo... Bem, assim ela pensou, mas, ridículo ou não, o tal anúncio não lhe saiu da cabeça. O dia passou, arrastando suas horas sem novidades, e a lembrança do texto ia e vinha, provocando-lhe reflexões.

Procurar um sorriso para enfeitar o rosto. Que significado teria isso? Alguém triste e solitário fazendo um desabafo? Alguém à procura, na verdade, de um amor? E começou a pensar no próprio sorriso. Na verdade, andava sem motivos para sorrir. Lembrou-se do estado terminal da mãe, da falta de paciência do pai, sempre envolvido com o amor quase secreto que se arrastava há anos, da separação do irmão, do desemprego da irmã... Desfiou um rosário de lembranças sem sorrisos. Recordou-se da falta de dinheiro, da recente síndrome do pânico, da situação difícil da empresa onde trabalhava, do choro do bebê recém-nascido que lhe exasperava durante as madrugadas, do excesso de peso que não conseguia vencer... Nossa, pensou, chega disso! Que vida é essa? Será que também andarei carente de sorrisos?

Os problemas sumiram do pensamento. Mas não apagou a imagem da mãe. Tão magrinha, tão frágil, tão querida... Viu-se sentada na cadeirinha de vime enquanto a mãe lhe trançava os cabelos. Filha, você é tão linda! Depois se lembrou das longas conversas sobre namoros, paixões, meninos, rapazes, homens. Amiga e carinhosa. Essas eram as melhores palavras para definir sua mãe. Sorriu, antecipando saudades, umedecendo os olhos, mas sorriu, docemente.

O pai... Apesar de tudo, não conseguia ter raiva dele. A mãe definindo, o pai amando... A mãe morrendo, o pai se culpando...

Tentava compreender o sentido de tudo aquilo. O pai nunca fora um bom marido. Essa era a verdade. Assim como era verdadeiro o ar de menino que mantinha no rosto desde a chegada daquela paixão. O mesmo ar de menino que ela registrara em suas memórias de filha mais velha. Ela e o pai na loja de animais, escolhendo um cãozinho. Escolha, filhinha, escolha um. E saíram de lá cheios de pacotes e acompanhados do Tuti, um beagle que lhe daria muito trabalho e muitas alegrias. Sorriu novamente, conseguindo separar o pai do marido da mãe.

O divórcio do irmão foi surpreendente. Dez anos de namoro, um de casamento. Curiosamente terminaram tudo sem alarde, sem brigas... Ao contrário, esbanjavam carinho um pelo outro. A família parecia sofrer mais que os dois. Recordou-se dos apelidos tenebrosos que os dois usavam. Tuquitinha, Tutuquinho, Flofi Flofi, Lelezinho, ... Usavam e continuavam a usar! Sorriu mais uma vez. Curiosos aqueles dois...

O desemprego da irmã era uma situação passageira. A irmã era brilhante. Claro que logo apareceria uma colocação... Talvez se angustiasse mais do que a própria irmã, que, naquele momento, estava envolvida com simpatias para arranjar emprego. Faladeira, a irmã ligava dia sim dia não relatando as experiências inusitadas. Ao final do telefonema, a irmã sempre tinha uma palavra esperançosa, que consolava a mais velha, como se o problema fosse desta. O otimismo da irmã lhe preencheu o coração. Sorriu novamente.

Dificuldades financeiras? Quem não as tem? Conseguiu achar engraçado o dia em que, enlouquecida com as dívidas, fez uns colarezinhos de contas coloridas e saiu oferecendo vizinhança afora. E não é que vendeu tudo? Riu de si mesma. Riu também quando lembrou ter chorado ao mesmo tempo em que o filhinho por puro desespero. Cala a boca, neném. Preciso dormir. Preciso dormir. Ai, Meu Deus, o que eu faço? Ele dormiu. Ela também. E, no dia seguinte, se enterneceu com o cheirinho de bebê recém-acordado que o pescoço do filho exalava. Sorriu, cheia de amor. E o pânico que lhe fez pular no colo do vizinho quando o elevador enguiçou? Até hoje percebia o sorrisinho fraterno que o sr. Amadeu lhe destinava quando se encontravam... Que vergonha! Mas riu... O emprego estava por um fio. Assim que terminasse a licença, voltaria. Porém, o que encontraria? O salário atrasado, o chefe emburrado, insatisfação geral... Mas a última confraternização de Natal

tinha sido tão boa, tão divertida. Paulinha, bêbada, finalmente se declarou ao colega do DP. O Bastos, palhaço como sempre, dançou como se fosse uma vedete, jogando charme para o diretor da empresa. Era uma turma engraçada. E sorriu. Do sorriso passou às gargalhadas... Não é que ela ontem agradeceu o grito “Gostosa!” que ouviu ao passar pelo bar da esquina? Ah.. Tinha que agradecer... Há tanto se sentia uma mulher desengonçada, sem atrativos... Aquele “gostosa” feio, mal educado, foi “tuuuuudo de bom”... Só eu para fazer uma coisa dessas, pensou sorrindo...

Procuro um sorriso para enfeitar meu rosto. Voltou ao jornal. E escreveu uma carta para remeter à caixa postal do autor do anúncio. Disse a ele (ou a ela), o que eu, agora me voltando para os sorrisos de que necessito, gostaria de dizer a vocês. “Infelizmente, amigo, amiga, (vocês) o sorriso sincero, que enfeita o rosto porque revela a alma, não está sempre em nossas vitrines. Cede lugar aos bicos, aos dentes trincados, ao muxoxo, ao mau-humor. Mas, de um modo ou de outro, a lembrança de momentos especiais, de pessoas especiais, traz o sorriso de volta e enternece a vida.” E disse ainda ao destinatário: “Procure o sorriso dentro de você. Eu encontrei o meu”.

As vezes, o fogo se ausenta,
e a vida parece sem chama.
Permaneçe, porém, na lamparina,
a memória que traz esperança.

Christina Ramalho



Sem Saída

Isadora Pelosi¹

Andava na rua sem destino. Não podia acreditar no que acabara de acontecer. Seu namorado terminou com ela. Três anos de namoro, e ele terminou com ela. Seus motivos ela não ouviu, não porque estivesse chorando ou brava. Estava simplesmente em choque. Ficou ali parada enquanto ele explicava seus sentimentos e suas razões. Ela ficou muda não conseguiu dizer nada. Só acenou e saiu.

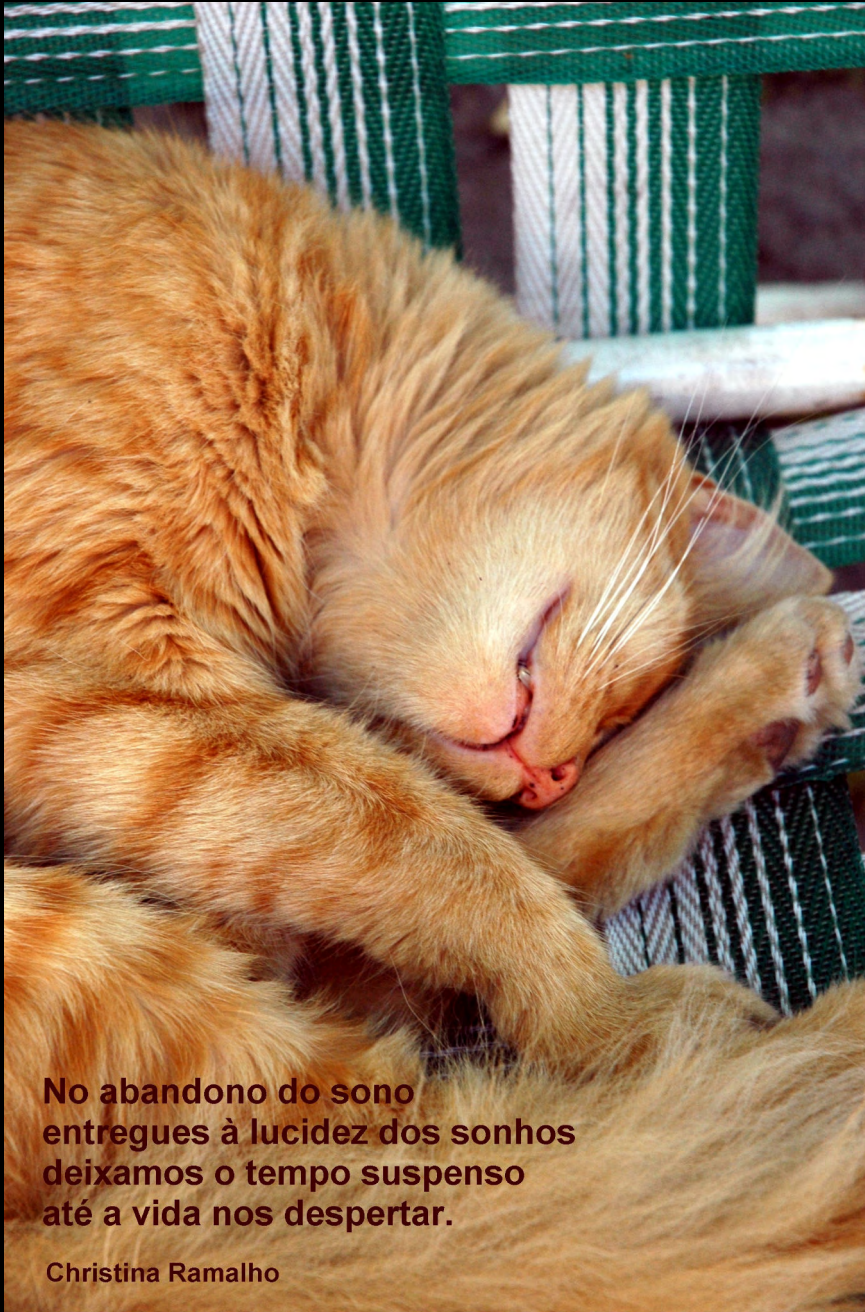
Estava indo tudo tão bem, não estava? Bem..., pelo visto, não, mas, e seus planos? Tinham feitos planos juntos. Ela desde pequena adorava planos. Sempre foi muito organizada e, portanto, tinha um plano de vida também. Tinha que se formar no colégio aos 18, na faculdade aos 23, e depois de formada, após três anos de namoro, esperava casar, talvez ter filhos ou viajar.

E agora? Como ficam seus planos? E se nunca se casar? E se ela nunca conseguir um namorado de novo? E se ela não puder ter filhos? De repente, todas as possibilidades de fracasso vêm à sua cabeça e ela fica tonta.

Para e olha a sua volta. Está em uma rua meio deserta, só de casas que parecem todas vazias e mal cuidadas. Presta atenção e vê que está em uma rua sem saída. Ah, boa metáfora para minha vida, reflete. Eu presa num lugar de onde não posso para sair. E fica ali parada, sentindo-se realmente sem caminho. Tudo tinha um plano menos ela. Sente um toque no seu ombro e se vira, é um policial que pergunta: “A senhora está bem?” Ela, um pouco tonta ainda, responde: “Estou em uma rua sem saída!”. Meu corpo e minha vida também, pensa. O policial sorri e diz: “Ah, não é bem assim, senhora, você não pode ir mais para frente, mas é só voltar e fazer outro caminho”.

Ela agradece e volta retornando à rua principal. Voltar e fazer outro caminho, reflete: isso soa como um plano.

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: isadoraramalho@ig.com.br



No abandono do sono
entregues à lucidez dos sonhos
deixamos o tempo suspenso
até a vida nos despertar.

Christina Ramalho

De como o Brasil parou num negro domingo sem fim

Éverton de Jesus Santos

Por que nada que se escreva agora será capaz de aclarar, acalmar, devolver o ar? Por que a estupefação é tamanha e o estado de choque enrijece e petrifica o momento? Por que a vida se torna tão nefasta, e viver, tão doído? De que forma se abrandam um coração dilacerado pela dor, maculado para sempre pela angústia, marcado pelo ferro-fogo da tragédia? E como apagar as imagens das quais a mente se impregna e como voltar a ser quem sempre se foi depois que a chama culmina na morte inevitável? As cicatrizes não de se apagar, algum dia, completamente?

Houve um incêndio no Brasil. Noticiam os boletins eletrônicos, os jornais de todo o mundo trazem como manchete de capa o acontecido que tragou as vidas de centenas de jovens em Santa Maria. E onde a verdadeira Mãe de Deus estava quando a fumaça tóxica e fatal penetrou em cada pulmão, quando o fogo queimava corpos, na hora em que pessoas caíam e eram pisoteadas, ou que, na agonia, tantos confundiram o banheiro com a porta de saída? Onde estava Deus escondido quando o céu ficou negro e enlutado, quando as lágrimas acendiam e os gritos eram evocados? Onde fica a fé de cada um daqueles que, na correria, pensava em sobreviver ou sabe-se lá em que pensavam, naquele curto instante entre a consciência e a última tragada de ar letal?

Da coragem dos homens que se voluntariaram brotava a força para perfurar paredes. Da água dos Bombeiros vinha o refrigeramento que já não bastava. Das mensagens que ainda podiam ser enviadas vinham os pedidos de socorro, o adeus, o eu te amo último como cada segundo em contagem regressiva. Dos gritos de lamúria e de desespero, meu Deus, quem poderia alguma coisa fazer? Quem, entre aqueles que se espremiavam e tentavam se manter em pé rumo à saída, quem, eu pergunto, haveria de salvar ao próximo antes de salvar a si mesmo? Quantos heróis ali dentro morreram, quantos saíram e depois voltaram por lembrar que algo precioso dali não havia saído?

E a angústia intraduzível de ver cada corpo ser retirado daquele inferno, arrastado até a rua, agonizando, desmaiado, ou já tendo entregado o espírito poucos minutos atrás... As narinas queimadas por dentro, as

gargantas secas, o oxigênio outrora inodoro, incolor e vital que transgride as normas estabelecidas pela Vigilância Sanitária e se torna um Cavaleiro do Apocalipse em terra com nome santo. Rapidamente, os corpos se amontoam, viram pilhas montanhosas de metros, cada qual contribuindo para que seu nome figurasse numa lista negra tal qual aquele Beijo.

O corre-corre na rua, o sobe-e-desce das polícias, dos bombeiros, dos paramédicos, dos enfermeiros, dos vizinhos, dos curiosos, dos sobreviventes, dos familiares. O choro incontível, o assombro em cada olhar, os telefones em cada ouvido, os relatos de como tudo começou a desmoronar. Muitos são os que põem a camisa no rosto, na esperança de contribuir para a existência do milagre. Muitos são os que pegam seus baldes, ligam interminavelmente suas torneiras, empunham as mangueiras e tentam rescaldar as paredes do espaço de festas. O sofrimento de uns já é de todos. Não há mais quem não tenha perdido alguém naquela tragédia de pesadelos.

A rua fica pequena, tomada por corpos, por feridos, por desacordados, ou por voluntários. Quem não era médico se prontificava a fazer até massagem cardíaca, tentando reanimar quem já tinha embarcado. Outros faziam da camisa ventilador, na ânsia de fazer o ar puro chegar de forma mais eficaz aos pulmões, aos alvéolos, às células pequenotas e já enegrecidas, gangrenadas. Tudo ali é terror, nada ali faz sorrir, nem mesmo aos que sobreviveram, escapando da ceifadura.

Faz-se turva a manhã. O número oficial de mortos é atualizado a cada instante e nunca decresce. Nos banheiros foram encontrados cerca de cento e oitenta corpos, num curto espaço de local. Na porta de entrada e saída, a mesma, outros tantos que se lançaram à luta, buscando a luz no fim do escuro túnel sem iluminação e de fumaça densa, capaz de cegar e de entorpecer física e psicologicamente. Outros morreram sabe-se lá onde. Talvez perto do palco, ou, quem sabe, no barzinho, na pista de dança ou até, como testemunharam, com a cabeça enfiada no vaso sanitário.

O Instituto Médico Legal, acostumado com a pequena demanda para aquela população de quase trezentas mil pessoas da pacata cidade flutuante, não tem capacidade para receber tantos corpos. Então, a tarefa das Forças Armadas é colocá-los nos caminhões-baú, refrigerados, e descarregá-los no pátio do Ginásio Municipal. Vejo a cena: corpos e mais corpos, são e sadios, jovens e cheios de vida, mas agora sem ela, tão ematuramente. Carnificina exposta ao sofrimento de toda uma cidade

que agora tem que reconhecer cada morto familiar. A missão é resistir de pé e passar por cada um, tentando levar o seu para a embalagem no caixão, com dignidade. Os pais e irmãos choram. Muitos são os que, mesmo com o respaldo dos psicólogos, dispensam a missão e alegam a fraqueza. Cada um traz consigo a marca da perda, o véu da dor perpassando cada olhar avermelhado e vago, longe dali. A ficha ainda não caiu, e cada oração silenciosa pede que o sonho mau simplesmente acabe e que a vida volte, enfim, ao normal. Mas isso jamais vai acontecer.

É a mãe padecente que reconhece os quatro filhos. É o bombeiro que, após as cento e quatro ligações de uma mãe, atende o celular e diz: “mãe, o celular está comigo, mas o seu filho está com Deus”. São os muitos celulares tocando em cada bolso, sem ter quem os atenda, sem obter o alô mais esperado de toda a vida. É a mãe que brigou com a filha, proibindo-a de ir para a festa e recebendo um “eu te odeio” na cara e que depois foi atingida pela lamentável notícia de que a filha está entre os mortos. É o casal de namorados que morreu abraçado. Ou o cara que postou, na sua rede social, que tinha brigado com a namorada, e ela foi para a boate, mas não saiu de lá com vida, e, portanto, não haverá reconciliação. E há ainda a namorada que recebeu a última mensagem do namorado dizendo: “amor, estou morrendo, mas eu amo você”. Ademais, há a mulher que perdeu o marido há dois anos, a mãe a menos de três meses, e teve que enterrar um filho enquanto o outro estava entubado em estado grave na capital. Há a outra mãe que trabalhava na boate e que, naquele dia, não pôde ir e, por isso, mandou a filha no seu lugar. Ela foi uma das vítimas. Há o caso da moça, também funcionária, que postou: “Socorro, incêndio na Kiss”. Responderam: “Me dá mais informações”, mas ela não mais podia esclarecer nada para ninguém. Naquela madrugada, o dia não clareou. Quantas outras histórias há e haverão para serem reveladas e divulgadas?

Culpa dos seguranças que pensaram se tratar de briga lá dentro e quiseram receber, primeiramente, a comanda dos que tentavam sair. Culpa dos donos do estabelecimento que não ajustaram a boate de acordo com as normas previstas pela lei. Culpa dos músicos que tentaram fazer um showzinho pirotécnico, como era habitual, e provocaram uma calamidade devastadora. Culpa dos extintores que não corresponderam à expectativa e deixaram a multidão entregue ao próprio azar. Culpa dos inadvertidos jovens que superlotaram a boate num final de semana normal a fim de fazer uma

“aglomeração” e curtir uma festinha, saindo assim da rotina universitária.

Quem, quem tem a culpa? Vamos apurar os culpados e os inocentes, distribuir punições, sentenças, instituir valores por cada uma das vidas perdidas ou hospitalizadas, pelos futuros interrompidos. Vamos ser rigorosos com a segurança dos nossos filhos, exigindo mudanças nas leis. Vamos chorar sobre os caixões enfileirados no Ginásio Municipal. Vamos agora vivenciar um luto de sete ou de trinta dias, à espera de que os ânimos se acalmem! Hasteemos a bandeira a meio mastro, em sinal de condolência, de pesar. Vamos silenciar o pranto e abraçar a emocionada Senhora Presidenta, o Senhor Governador, o Ministro da Saúde e também o Prefeito.

E agora, somos metralhados por uma avassaladora correnteza de informações em tempo real, atualizadas frequentemente. O número de feridos, o de mortos, quantos estão em estado grave, quantos serão transferidos. Somos jogados para dentro do velório comunitário, dos enterros a cada vinte minutos, do reconhecimento de cada corpo ou do traslado dos que morreram longe de onde nasceram. As mesmas imagens são repetidas em todos os canais, os nomes e rostos de cada falecido são revelados, os sentimentos brotam de cada olheira dos repórteres, das faces assustadas e perplexas dos que estão no centro do repentino furacão quente sulista.

Há a imprensa brasileira. E há os que trabalham na tragédia ajudando no necessário para segurar as rédeas do cavalo solto que anuncia a penitência e que traz, a largos galopes, a espada de dor que trespassa cada alma. Há os que doam sangue e os hospitais que cedem tecidos humanos e pessoal especializado. Há os que distribuem palavras de afago, abraços e um olhar de conforto, e os que levam comida e água para os que ainda manecem sem dormir, sem comer, sem tornar a si. Há os que oferecem dormida, transporte, local para banho, os que deixam a solidariedade falar tão alto quanto a dor pode gritar. E, em meio ao brutal luto, faz-se necessário refletir sobre quem são os que se vão e os que ficam, e sobre como é fugaz e efêmera a vida humana.

Diante da tragédia, Santa Maria vira centro. Todos os olhares e pensamentos se voltam para a cidade, a qual não é mais Rio Grande do Sul, mas Brasil. Enterramos vidas, consumidas de forma tão inexplicável de um ponto de vista racional e menos fisiológico. Eles não morreram. Ainda vivem em cada um dos que perpetuarão as memórias deles quando viviam, de quando a existência neles pulsava. Quanta vida pela frente

e obstacularizadas assim, de repente, sem que se tivesse havido tempo para falar em vez de gritar; de dançar em vez de correr para encontrar a saída; de viver, antes que a morte os carregasse nessa viagem tão funesta.

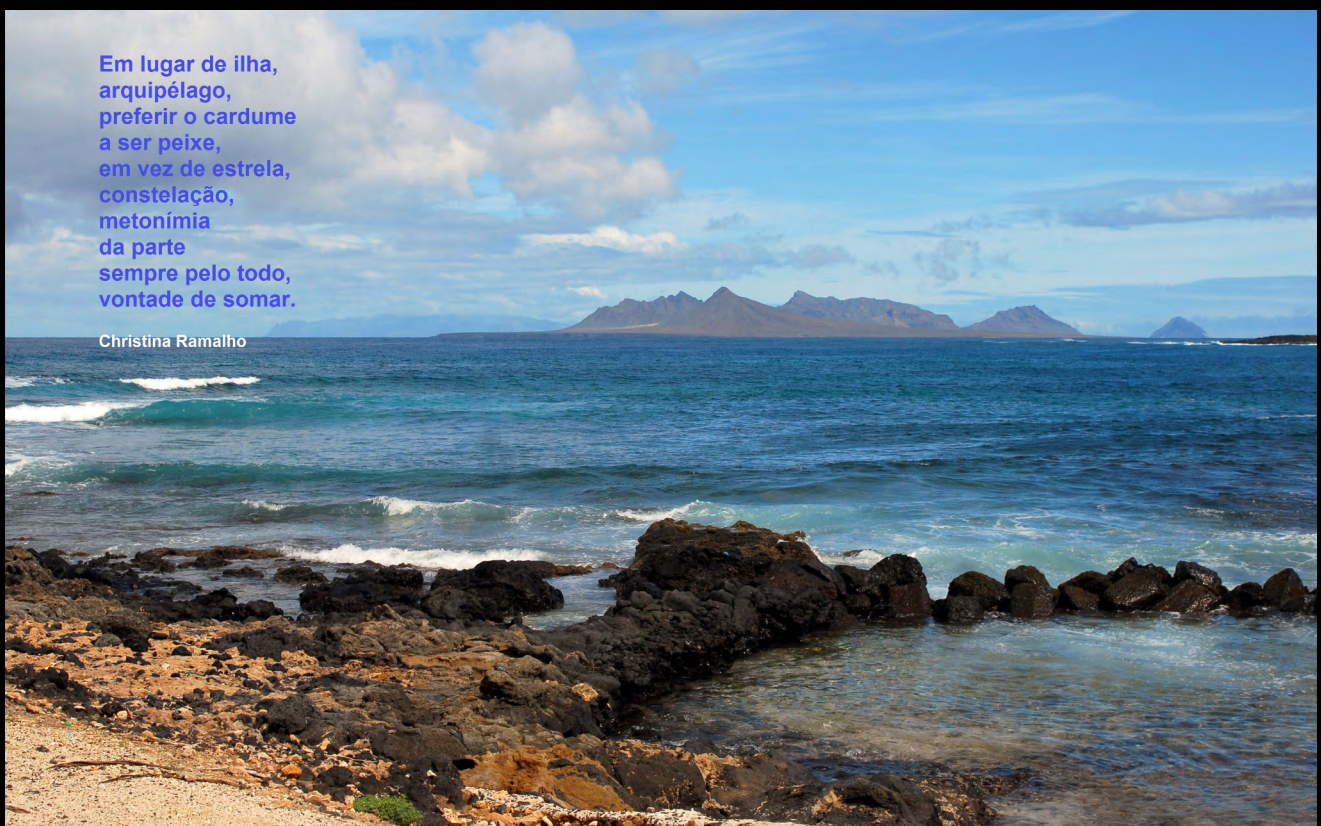
Das palavras, diz-se apenas que não conseguem expressar nem o início do que é sentido. Do que se diz ao pé do ouvido, dos “eu sinto muito”, “meus pêsames” ou “minhas condolências”, nada aplaca o frio que percorre desde o corpo dos que são reconhecidos, velados e enterrados até os que ainda peregrinam. Nada leva saúde aos que respiram com ajuda de aparelhos ou que passam pela cirurgia de transplante de pele ou pela transfusão de sangue. Por que, em meio ao caos generalizado, por que, quando o assunto é a morte, palavra alguma serve para revigorar? Será que é porque, depois que a morte vem e leva, nada mais há que a faça devolver quem ela raptou?

De quem vai ser a culpa, ao fim do inquérito, ao fim do julgamento? Quem vai reverter a situação após a apuração das causas do incidente? Quem vai dizer que estava nos desígnios de Deus ou que não havia intenção de provocar esse transtorno? Quem, como e por que são agora perguntas que, embora não sirvam para amenizar o sofrimento de ninguém devido à chama que devasta tantas almas, servirão, futuramente, para responsabilizar quem de direito e combater irregularidades em outros estabelecimentos. Servirá, sobretudo, para que outra ocorrência desse tipo não volte a acontecer, pois, somente quem agora padece de consternação ou quem agora se compadece em tristeza tem a dimensão do que é estar diante de uma fatalidade desse porte. Se é que isso é real.

Enfim, da nossa parte, da parte de quem assiste e vivencia, resta rezar, pedir, ajudar, se sensibilizar, lamentar, entrar na batalha por mudanças na legislação, aguardar na justiça terrena e divina. Chorar os vivos e os mortos, as famílias destruídas e unidas, os que vão e os que ficam e, principalmente, olhar pelos que ficam e que, inevitavelmente, se vão com quem se foi.

Em lugar de ilha,
arquipélago,
preferir o cardume
a ser peixe,
em vez de estrela,
constelação,
metonímia
da parte
sempre pelo todo,
vontade de somar.

Christina Ramalho



A PERTINÊNCIA REVELADORA DO CÔMICO EM MACUNAÍMA

Luciana Almeida Santos (UFS)

Therefore, since brevity is the soul of wit, and
tediousness the limbs and outward flourisher,

I will be brief¹

(Hamlet, Shakespeare)

Ler e compreender as nuances de “Macunaíma”, instrumento literário suntuoso, é como padecer de uma sede inesgotável, sede esta com a qual tenho vivido a matutar as facetas incorporadas por esse herói. Dada a impossibilidade de abarcá-la em sua plenitude, ficarei com um diminuto recorte de sua grandeza.

Inestimável erudito, o “papa do Modernismo” Mário Raul de Andrade Moraes nos presenteia em 1928 com uma obra ora aparentemente simples, ora complexa com a tentativa muito bem sucedida, por sinal, de destrinchar o caráter do brasileiro e analisá-lo em meio a sua cultura. Uma “história”; um “romance folclórico”; uma “rapsódia”; um “poema herói-cômico”² num cenário que, mesmo fundindo num sopro suave o fantástico e o real, tudo se mostra na mais pertinente verossimilhança. É essa a sensação que nos invade no primeiro contato com essa obra, a ícone da primeira geração modernista, cingida por uma ampla pertinência e heterogeneidade do gênero cômico que expõe o Brasil em suas questões sociais, políticas, culturais, identitárias.

Um herói que suscita problemáticas de um país ainda em formação, ao mesmo tempo em que se deleita nos prazeres carnais e se entrega de corpo e alma à realização de peripécias que são naturalmente ofertadas a uma criança no princípio de uma vida. Nascido num “mato-virgem”, integrante da tribo Tapanhumas que significa “ser negro”, Macunaíma é o “herói de nossa gente” e protagonista do livro. Esse encontro entre

¹ “Já que a brevidade é a alma do engenho, e o tédio seu corpo e externo ornato, serei breve”.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 94.

² Estas são as conceituações que Mário de Andrade estabeleceu numa tentativa de categorizar sua obra.

o índio e o negro num mesmo ser, aparece como colocação estratégica de reconhecimento e valorização dessas duas raças como pressupostos fundamentais para a formação da nossa nação. A princípio, mora com sua mãe, seus dois irmãos Jiguê e Maanape e a mulher do primeiro, chamada Sofará. Jiguê é o que permuta constantemente de mulher, pouco se importa com a perfídia feminina e com seu irmão, sendo que é o herói que lhe tira todas as mulheres. O que se pode compreender sem dificuldade, é a naturalidade com que Jiguê visualiza a sequência de desordens amorosas da sua vida, emanando assim, uma estrutura caricatural. Maanape é feiticeiro e adora dormir. A perda da muiraquitã dada por Ci desencadeia uma série de ações que culminam na ida a São Paulo, afinal de contas, o herói marioandradiano teria que sentir o ar paulistano que seu criador primeiramente inspirou em 1893 e deu seu último suspiro em 1945. Sendo na metrópole brasileira que o índio conhece a máquina e todas as inovações trazidas pela revolução tecnológica.

A atmosfera cômica se alastra de tal modo que se dissipa por toda a leitura conferindo riqueza e significados. Com base nestas considerações, apresentaremos alguns procedimentos e funções do cômico nessa obra, com cenas engenhosamente entrelaçadas, com a mescla do fantástico, do real, do estranho, do repugnante, ambos dissolvidos numa mistura centrífuga que capta com louvor a essência de ser algo, de pertencer a um lugar e refletir todo um modo de vida, uma cultura, uma história que se eterniza.

Já no primeiro capítulo, nos é denunciado o caráter cômico desse herói, que age constantemente sob a égide de seus impulsos e caprichos, sinal este que aponta para uma prematuridade presente em várias de suas atitudes, tanto que solicita “pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou o dia inteiro” (ANDRADE, 2007, p. 14). Essa obstinação veemente, que somente cessa suas vontades e manias quando tem seus desejos satisfeitos, confirma uma semelhança comum às atitudes infantis. Uma criança que está em fase de desenvolvimento, ainda está submetida à formação de seu caráter, pois essa paulatina formação tenderá a aplicar modificações no decorrer de sua vida, amadurecendo-a, até formá-la completamente. O que vemos no protagonista especificamente é essa característica precoce, daí o fato

de não haver um caráter propriamente dito, desempenhando atitudes que somente só são justificadas em se tratando de uma criança, “quando permanece fiel à sua natureza infantil, sua percepção fornece-nos um prazer puro que talvez nos evoque levemente o cômico” (FREUD, 1977, p. 252).

Freud ainda estabelece que o duplo sentido ou jogo de palavras ocorre quando não há fragmentação de sílabas, nem é preciso alterá-las, pois esse procedimento se dá do mesmo modo que se encontram e, devido a essas características, é possível que essas palavras expressem dois significados distintos (FREUD, 1977, p. 52). O duplo sentido, no episódio citado acima, destina-se a desenvolver uma similaridade entre a mandioca e o falo, condicionada mediante a forma exterior que esses dois elementos contêm, criando um teor jocoso que se prolonga ao percebemos a persistência da mãe em não desgrudar da raiz.

Após muitas peripécias, o coração do herói é povoado por uma paixão lasciva, despertada pela Imperatriz Ci Mãe do Mato, encontro este marcado por conflitos e estranhamento. O herói tenta seduzir Ci, porém ela se irrita, lhe aplica uma sova e ocorre uma infestação de imagens grotescas, com sangue e gritos por todos os lados. Tal valentia de Ci não é prolongada e, finalmente, se rende aos braços do herói de forma tão intensa que antes de seis meses “pariu um filho encarnado” (ANDRADE, 2007, p. 34). A representação de uma mulher grávida, segundo Bakhtin é um dos pontos primordiais da imagem grotesca do corpo, na medida em que exhibe “dois corpos em um”³. Há a construção de uma imagem que nos leva a imaginar o estado no qual esses corpos se embatem, sinteticamente é esse um dos aspectos do princípio evolutivo corporal composto por um ciclo ininterrupto que ultrapassa fronteiras. Seria néscio não vislumbrar o diálogo entre Mário e às ideias de Bakhtin. O tema do grotesco é uma constante em “Macunaíma”, é despido nua e cruamente como possuidor de um sentido cósmico, universal, que tem o poder de dar a ver a metamorfose corporal e seus limites, a efemeridade da vida, tal como o próprio Bakhtin assinala.

Destarte, Ci passa a ser idolatrada por gente de todos os cantos do Brasil e seu filho de “cabeça chata”, adquire o fenótipo do pai. Macunaíma ainda achatava a cabeça do curumim constantemente, embutindo na mentalidade do menino a necessidade de crescimento rápido para algo que é incrustado no pensamento de muitos brasileiros que sonham em elevar-se financeiramente:

3 MIKHAIL, Bakhtin. Op. cit, p. 23.

“ir para São Paulo ganhar muito dinheiro” (ANDRADE, 2007, p. 34). Cavalcanti Proença, em seu estudo sobre o livro, aborda que conheceu a origem da cabeça achatada dos nordestinos “(...) o pai nordestino achata a cabeça do filho batendo nela carinhosamente” (PROENÇA, 1977, p. 138).

Não demora muito e uma Cobra Preta suga o único peito de Ci, envenenando o curumim ao sugar o peito, acabando por morrer, o que, por seu turno, revela que “(...) o corpo é sempre de uma idade tão próxima quanto possível do nascimento ou da morte: a primeira infância e a velhice, com ênfase posta na sua proximidade do ventre ou do túmulo, o seio que lhe deu a vida ou o que sepultou” (BAKHTIN, 2010, p. 23), na medida em que assim como o peito de Ci provavelmente serviu para alimentar seu curumim e proporcionar-lhe a vida, foi ele que o tirou desse bem supremo.

Como forma de satisfação e lembrança eterna, Ci dá uma muiraquitã para o homem que a transformara em mãe, subindo ao céu através de um cipó, virando uma estrela: a Beta do Centauro. Por intermédio dessa circunstância, há um embate entre os dois corpos: o que produz a vida e o que é gerado. A vida de Ci não fazia mais sentido sem seu filho, por isso deparamo-nos com o estágio circular pelo qual tudo caminha: vida/morte/morte/renascimento. Berriel cita o dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, segundo o qual conceitua Ci como “a origem e hoje preside ao destino das coisas que dela se originaram. O indígena não concebe nada do que existe sem mãe” (CASCUDO apud BERRIEL, 1987, p. 20). No lugar em que é enterrado o filho de ambos, nasce o guaraná, planta que se consumida, serve como estimulante, causando mais ânimo e trabalhando melhor o cérebro, uma representação simbólica de que essa planta forneceria a intrepidez necessária para enfrentar as moléstias que se encravavam no país. Com a partida da mãe do mato o herói acaba ficando enfeitiçado por ela, não conseguindo se envolver com nenhuma das icamiabas, pois elas “são sistematicamente virgens tanto que Jiguê um mulhereiro não consegue moçar nenhuma” (ANDRADE apud LOPEZ, 1978, p. 250).

Posteriormente, o herói galga no bacupari, um peixe fluvial, e acaba perdendo o tembetá, fica desditoso, já que um réptil o sorveu e o mariscador que o caçou vende a pedra verde para “um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida (grifo nosso)

pelo igarapé Tietê” (ANDRADE, 2007, p. 45). De forma pomposa e vil é descrita a cidade paulistana, que é também um centro de prestígio afetado por influxos estrangeiros. Vai em direção ao destino que lhe aguarda, percorrendo caminhos repletos de alegrias, tristezas, estorvos e aventuras.

Numa outra cena Caiuanogue, estrela-da-manhã, aproxima-se de Macunaíma a seu pedido e ela responde: “Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora. Assim nasceu a expressão “Vá tomar banho!” que os Brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus” (ANDRADE, 2007, p. 87). Podemos observar o cômico com tom de deboche, que provoca coibição entre determinados etnias distintas: brasileiros e imigrantes europeus; uma sátira que se dá como “uma zombaria dirigida ao objeto que se repreende ou se reprova e que nos é estranho” (JOLLES, 1976, p. 211), ao mesmo tempo em que é perceptível a criação de situações para justificar o nascimento de certas expressões que comumente utilizamos. Como uma conduta inadmissível, é uma zombaria dirigida a um objeto que é incompatível com a nossa conduta, ou seja, é direcionada ao que se repudia ou ignora, agredindo moralmente, relevando sua insuficiência e descarregando a tensão que se acumulou. Nesse mecanismo há uma grande distância entre o zombador e o objeto alvo de críticas.

Em São Paulo, “Macunaíma agradeceu e de tão satisfeito virou logo Jiguê na máquina telefone pra insultar a mãe de Venceslau Pietro Pietra” (ANDRADE, 2007, p. 141). Insultar a mãe do próximo faz parte de acontecimentos costumeiros em nossa cultura, em que a agressão verbal à mãe do outro provocaria mais raiva por parte de quem recebe e mais satisfação por quem pronuncia os xingamentos. Macunaíma não agradece porque não tem motivos para tal agradecimento. Este, por sua vez, surge à sorrelfa não passando da intenção de satirizar, ridicularizar. Virando Jiguê no telefone, tem a chance de ofender a mãe do gigante com o intento de atacá-lo e torna-se adepto aos novos atrativos, antes desconhecidos. E o ato de transformação do humano num objeto, isto é, a metamorfose, revela a urgente necessidade do contato pleno com as mudanças trazidas pela civilização. Desse modo, esse “mundo novo” que desemboca no Brasil no início do século XX, traz consigo uma nova roupagem de ideais, necessidades e valores, configurando tudo sob outra perspectiva, que tanto serviu a propósitos de praticidade e economia, quanto de dependência e alienação.

Na volta para o Uraricoera, “deu uma chegadinha até a boca do rio

Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá ⁴. Jacaré achou? Nem ele. Então o herói pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma” (ANDRADE, 2007, p. 188). Mário, no prefácio inédito, revela que desejava criar um livro que fosse sul-americano, e não nacionalista. Contudo, essa substituição parece querer mostrar as influências da nossa vizinhança, porque o herói estaria tentando pensar como esse americano, como os países de terceiro mundo, apropriando-se desse lugar para refletir a questão da nacionalidade, já que esse estrangeiro engloba países subdesenvolvidos como o nosso. Esse é um momento de intensa troca cultural, observa-se a América do Sul como um bloco, no qual são delineadas relações mútuas e não apenas o Brasil isolado nesse processo.

É preciso partir da premissa de que é exaustivamente possível realizar uma leitura crítica de muitos aspectos da cultura brasileira, especialmente os que carecem de autenticidade, temática bandeira no Movimento Antropófago que rejeitava a mimesis da cultura trazida pelos portugueses com a justificativa de que é preciso reconfigurá-la sob uma ótica original e autônoma. Macunaíma é a própria antropofagia- os elementos da cultura são digeridos, “escolhidos” e incorporados por ele, caso sejam proveitosos e passíveis de assimilação. Mas, afinal de contas, quem somos nós? Nós não temos um caráter formado, Mário está brincando com isso incessantemente, “bebendo” na fonte do cômico a fim de amenizar a maneira de apresentar a realidade, confrontando valores redundantes, discutindo nossa pluralnação num período de profundo transe e efervescente.

4 De acordo com Cavalcanti Proença, “deixar a consciência na ilha de Marapatá, na foz do Rio Negro, para entrar nos seringais, é tradição bastante conhecida e Osvaldo Orico registrou-a em seu Vocabulário: ““ Na época da exploração da borracha dizia-se que todos que entravam nos seringais adentro deixavam a consciência na ilha de Marapatá e sem ela estavam aptos a tudo fazer para conseguir riquezas”” (apud PROENÇA, 1977, p. 151).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Ancona Porto Lopes, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- _____. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 7ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BERRIEL, Carlos Eduardo. Dimensões de Macunaíma: Filosofia, Gênero e Época. Tese de Mestrado, UNICAMP, 1987.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 47ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- JOLLES, André. O chiste. In: Formas Simples. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti, 1905-1966. Roteiro de Macunaíma. 4ª Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília; INL, 1977.
- PINTO, Pimentel Edith. A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- SANTOS, Luciana Almeida. Levando Fubeca em “Macunaíma”: procedimentos cômicos na obra marioandradiana. In Anais do III Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura. Vol 3, 2012, Itabaiana. ISSN 2237-9908.



Além das verticais,
além das horizontais,
há o traço angular
dos que cruzam os espaços
em busca do que se esconde
no além dos horizontes.
Christina Ramalho

Expediente

Editores

Jean Sartief
Rosângela Trajano

Revisão

Dos autores


Conselho editorial

Christina Ramalho
Márcio de Lima Dantas
Rosa Regis
Sylvia Cyntrão

Webmaster/Webdesigner

Danda

As ilustrações desta edição foram gentilmente cedidas por Christina Bielinski, as demais ilustrações foram enviadas pelos autores dos textos.



*Não é noite ainda,
mas sinto os cabelos de Níx
trançando meus pensamentos.
Agarro-me aos raios que se despedem...
E em vão.
Deixo, então, que me levem
os comparsas de Plutão.*

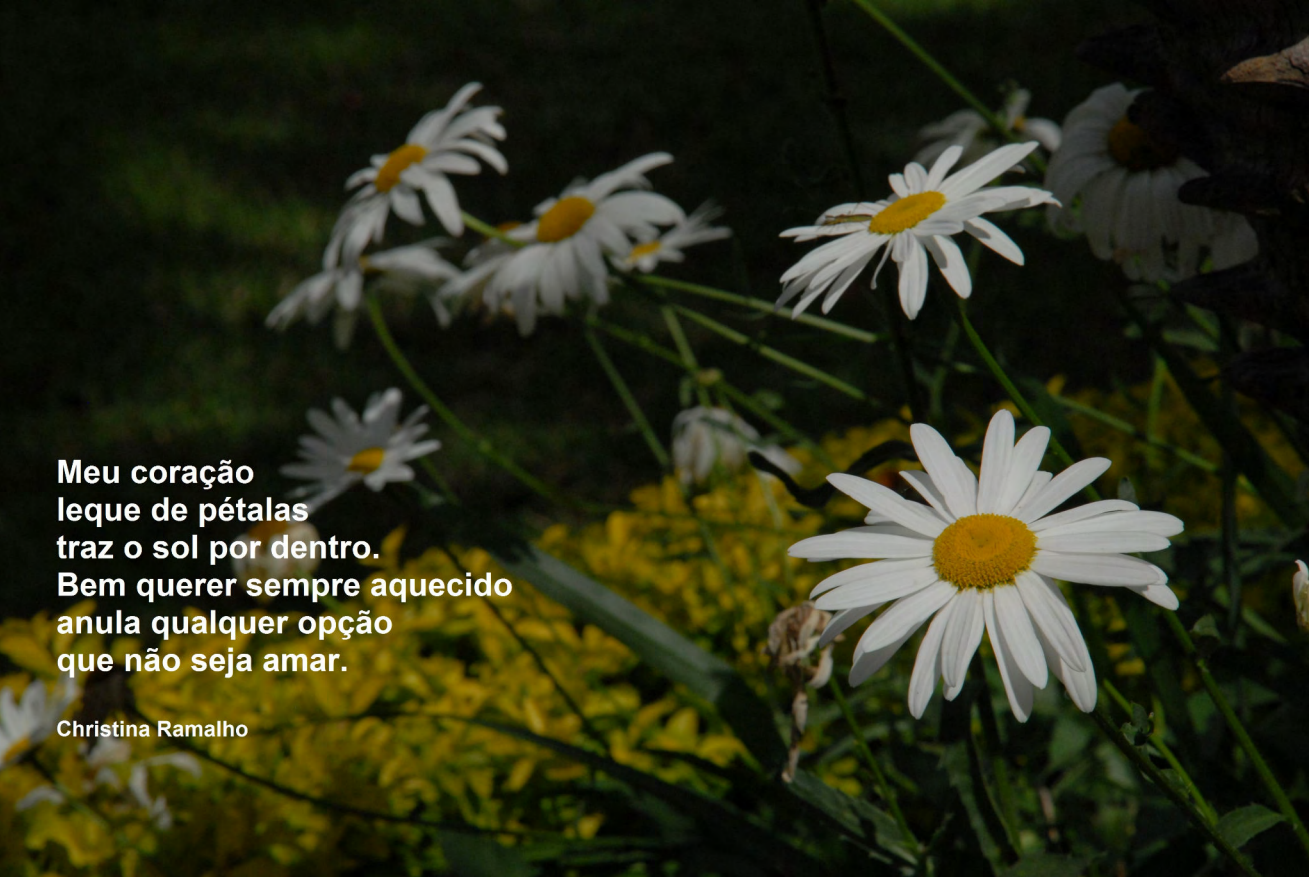
Christina Ramalho

O ventre materno

Lyssa Kaline ¹

O ventre materno. O que falar do nosso primeiro habitat? Envoltório orgânico que delimita e aproxima. Não seria um órgão com função apenas protetora, mas um espaço que une o ser biopsicossocial em desenvolvimento, ao ser mulher e ao mundo. O primeiro contato. É nesse ambiente aquático, quente, apertado que aprendemos a sobre(viver). A participar da nossa primeira estação: a gestação. Unidos pelo cordão umbilical, nos deparamos com transformações inexplicáveis. O milagre da vida sendo nutrido em sua forma ágape e misteriosa. Nesse pequeno lugar, desconhecido e barulhento que cada um de nós percorremos nove meses ou não para uma nova trajetória existencial. Começamos a nos colocar diante do outro mesmo sem sabermos o porquê de tal situação, entramos em contato com a nossa reprodutora e possível futura mãe. No anonimato de uma fêmea, que nos hospeda, alimentamos a nossa alma. Nesse contexto confuso, diferente e mágico poderíamos nos perguntar: será que nascemos para viver sozinhos? Isolados? E a natureza humana não teria necessidade alguma de vínculo social? Eis uma pergunta complexa nos dias atuais, onde o individualismo exacerbado contamina as pessoas de forma deliberada. Abrindo espaço para mais uma reflexão: o outro seria indispensável? Seja ele quem for, onde e como for? Faríamos uma retrospectiva ao nosso primeiro habitat e acabaríamos percebendo que nunca estivemos sozinhos, mesmo que em muitas estações nos depararemos com a solidão, que muitas vezes é necessária. Porém, o outro faz uma grande diferença. O toque, o sorriso, o abraço, o olhar, a lágrima, o cheiro, a fala, o silêncio etc., são essenciais. Somos humanos. Precisamos nos conectar com o nosso ser intrínseco e aprender que há um outro que faz parte da nossa vida, seja ela como for. E dessa forma compreenderemos que nascemos para somar e agregar a grandes aprendizados.

¹ Lyssa Kaline Dantas de Góis, é psicóloga clínica, hospitalar e jurídica. CRP 17/1846.
E-mail: lyssa.dantas@hotmail.com



**Meu coração
leque de pétalas
traz o sol por dentro.
Bem querer sempre aquecido
anula qualquer opção
que não seja amar.**

Christina Ramalho

Pessoa e o furor poético de Platão

Rosângela Trajano ¹

Fingir que não sente a própria dor. Fingis o que deveras sentes e te acalmas nos versos de uma ave de rapina. Oh, Musas! Dai-nos a inspiração divina para fazer deste texto um estudo de versos embelezados com o perfume da emoção do querer sentir-se além da existência de um só eu, mas de um encontro com vários eus que se abraçam e se embalam nas suas diferentes formas de poetizar. O Fernando Pessoa apresentado aqui foi visitado ontem por nossas indagações numa tarde de cafezinho na antiga Tabacaria, um pessoa que nos apresentou o guardador de livros, Bernardo Soares, e o eterno apaixonado Álvaro de Campos vestidos em sua alma, ora se apresentando como senhores de si mesmos, ora se apresentando como prisioneiros de um Pessoa que dúvida da sua criação e se assusta com as suas próprias palavras. Ora quem seria Pessoa se nele não se encontrassem vivos tantos eu formados de um subjetividade escandalosa, exacerbada, febril de inspirações para produção de versos?

Fernando Pessoa era um homem inspirado. A melancolia que muitas vezes atravessou seu caminho, não era uma doença qualquer, uma esquizofrenia como alguns querem afirmar. Não. A melancolia deste poeta era de um excesso de inspiração, de sentir o desejo de escrever noite adentro, de se jogar no poço e lá, no fundo, apenas admirar a obra escrita. Parece-nos que para escrever Pessoa necessitava sentir-se melancólico, sair de si, visitar outros mundos, chorar palavras em folhas de papel que ora se identificavam como Bernardo ora como Álvaro. O filósofo Platão não chamava a inspiração de melancolia, mas de furor poético. Um furor capaz de possuir o homem, torná-lo prisioneiro de uma divindade que o ilumina e o possui dando-lhe a inspiração para escrever versos. São as Musas que tomam posse desses seres e que os iluminam tornando-os capazes de criar as mais belas poesias, os mais belos escritos, os mais belos versos desenhados

¹ Mestra em literatura e pesquisadora da poesia portuguesa.

na alma e no coração dos poetas. Este furor poético toma posse do ser, retira-o do seu mundo, levá-o para um passeio através das imagens, dos sonhos, das palavras, molda o corpo das poesias, dando-lhes um pai, um criador, um ser iluminado pelas Musas. Pensamos ter sido Pessoa iluminado por estas divindades, ter sido iluminado por este furor poético que muitas vezes foi confundido por um estado de melancolia doentia.

Mas Pessoa nos faz levantar questões sobre o seu furor poético. Quando Platão explica como se dá esta inspiração divina no seu diálogo Íon, falando de um anel que parece ter um imã e que consegue trazer para junto de si outros anéis tornando assim um cadeia de anéis suspensos, faz-nos pensar em Pessoa da seguinte forma: ele, o anel principal, seus heterônimos como anéis próximos de si e o próprio leitor num anel mais distante, mas que também faz parte dessa cadeia. O Pessoa que escreve os outros pessoas, e seus leitores. Vejamos como se dá este processo: quando Bernardo Soares escreve aqueles belíssimos fragmentos ele é uma imagem inspirada pelas Musas na alma de Pessoa que o faz existir. Quando os leitores lêem Bernardo Soares não é ao Pessoa que estão lendo, mas àquela inspiração brotada dentro dele quando do momento do seu furor poético. É como se quiséssemos dizer que Pessoa é o anel que atrai sob uma força divina e não por uma ação natural do imã que é o de atrair o ferro. Se estar possuído por uma Musa e se não atrai aquilo que por livre arbítrio deseja Pessoa tornar-se-á ou não o pai da sua obra? Bloom explica que os poetas sentem-se responsáveis pelas suas criações, mas tornam-se melancólicos ao se deterem com a possibilidade de serem os pais adotivos das mesmas. Haveria outros pais? Que espanto não sofre um poeta ao despertar da sua inspiração divina e perceber sua criação? Pessoa parecia sofrer desse mal, e por isso talvez criou uma identidade para cada momento da sua inspiração. O problema que nos aflige é como ele podia separar Bernardo de Álvaro e tantos outros heterônimos, para cada furor poético ele parecia saber exatamente qual anel suspender e trazer para próximo de si.

Vejamos o seguinte fragmento de Bernardo Soares do livro do Desassossego:

Outra vez encontrei um trecho meu, escrito em francês, sobre o qual haviam passado já quinze anos. Nunca estive em França, nunca lidei de perto com franceses, nunca tive exercício, portanto, daquela língua, de que me houvesse desabituaado [...]

O que se vê é uma negação de Pessoa a sua própria identidade quando da inspiração do seu heterônimo de Bernardo Soares. Pessoa levava a vida ganhando dinheiro com traduções de texto para o francês. Como ele podia desconhecer a língua francesa? É como se ele quisesse nos dizer o seguinte: “Olha eu não sou o pai desta criação, atencem para isto.” Ou também poderíamos dizer que Pessoa podia muito bem estar num momento de furor poético capaz de desconhecer-se a si mesmo. Acreditamos que Pessoa sabia lidar com esse furor como nenhum outro, é como se ele tivesse o domínio sobre o mesmo escolhendo para cada furor um heterônimo que dele se aproximasse. As pedras da cadeia dos anéis de Pessoa eram diferentes, logo ele sabia a quem chamar dentro de si quando da sua inspiração. Mas Bernardo Soares desconfia também de não ser o pai da sua criação, como podemos ver no seguinte trecho abaixo retirado do livro do Desassossego

Outras vezes encontro trechos que me não lembro de ter escrito – o que é pouco para pasmar -, mas que nem me lembro de poder ter escrito – o que me apavora. Certas frases são de outra mentalidade. É como se encontrasse um retrato antigo, sem dúvida meu, com uma estatueta diferente, com umas feições incógnitas – mas indiscutivelmente meu, pavorosamente meu.

Nesta passagem perde-se a identidade do criador. Pessoa faz seu brincar com o leitor, e cria um enigma. É como se Bernardo Soares descobrisse que nunca esteve sozinho, que havia um outro que lhe dava lugar no palco e que na maioria das vezes saía de cena para se proteger ou para permitir-lhe ser coroado como o grande astro. Bernardo parece ler os versos de Pessoa no fragmento acima em outro heterônimo, e como nos explica Bloom sua melancolia o faz desacreditar da sua criação. Houve um outro antes dele, sempre haverá um outro. É como se para cada Musa, Pessoa escolhesse um dentre os vários Pessoas, sabendo sempre discernir o par ideal para cada uma delas. Noutras horas se culpando, se lamentando, se negando, por não ser ele mesmo o artífice de toda a sua criação. Pensamos que Pessoa talvez quisesse se proteger, fingir, se esconder, naquilo que escrevia e por isso ora era pai ora era apenas espectador de uma determinada criação.

Mas falemos de Álvaro de Campos, o melancólico por natureza. Por que

Pessoa fez dele um romântico ímpar na sua obra? Em qual Musa se inspirou? Como sabia o momento exato de chamar por Álvaro quando do momento do seu furor poético? Será que eram as Musas que escolhiam os outros eus de Pessoa ou será que eles sabiam discernir qual entraria em cena quando do seu furor poético? Há uma grande diferença do estilo de escrever de Bernardo Soares para Álvaro de Campos. Vejamos os seguintes versos do poema Opiário:

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avozinha que anda
Pedindo esmola às portas da alegria.

Nestes versos vê-se claramente a melancolia do poeta. Melancolia que se desabrocha num dos anéis da cadeia que talvez tenham ficado mais próximos de Pessoa. Os últimos dois versos podem revelar um instante de perda do furor poético e de encontro consigo mesmo. Há uma distância entre os dois primeiros versos com os dois últimos. É como se Pessoa tivesse naquele momento acordado do seu furor poético e adormecesse Álvaro de Campos. No heterônimo de Álvaro de Campos vemos muito isso acontecer, talvez por essa razão o poeta seja tantas vezes levado a estados de depressões e de solidão. Diferentemente do que nos diz Platão, Pessoa em Álvaro de Campos passa por duas fases: inspiração divina e realidade. E como um grito o próprio Pessoa chama por Álvaro para invocar as Musas, instante em que desconfiamos estar Pessoa nos primeiros versos inspirado e nalguns não, ou seja, usando a razão pura, vejamos o poema:

Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamos-nos a nós mesmos.
Não sei se as Musas apareciam –
Seria sem dúvida conforme o invocado e a invocação. –
Mas sei que nós não aparecemos.
Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Ah!” para ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto –
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo...
Nenhum eco para mim...
Só vagamente uma cara,

Que deve ser a minha, por não poder ser de outro.
É uma coisa quase invisível,
Exceto como luminosamente vejo
Lá no fundo...
No silêncio e na luz falsa do fundo....

Que Musa!....

No poema citado acima, observa-se o conhecimento do poeta sobre a inspiração das Musas, logo parece-nos ficar mais evidente que o mesmo sabia quando se encontrava em pleno furor poético ou não, criando caixinhas para guardar cada um dos seus anéis. Pessoa sabia como ninguém que na inspiração divina ele não aparecia, e sim um outro eu que se unia as Musas para criar, mas sabia também que não podiam existir outros eus sem que ele permitisse por isso os versos "Só vagamente uma cara, que deve ser a minha, por não poder ser de outro."

Para concluirmos, acreditamos como já mencionado acima que Pessoa sabia o momento que o furor poético iria possuí-lo e dentre esses furores, havia um pequeno instante de realidade capaz de fazê-lo escolher qual o melhor heterônimo para aquele furor, ou melhor dizendo, qual o melhor anel para a Musa inspiradora.

Que saber dos relógios,
se neles mora o tempo
em ponteiros movediços
que nos separam de nós?

Christina Ramalho



Por quê?
Eram jovens
Sim, jovens.

Jovens em noite
De diversão
Sorrisos muitos.

Não era pra ter fumaça
Nem fogo algum
Apenas o contentamento.

Eles eram jovens
Como eu fui.

Rosângela Trajano

É Talvez o Último Dia da Minha Vida

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,
Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)



3221.4602

Avenida Rio Branco, 335
Ribeira | 59025-003 | Natal/RN
lucgraf@yahoo.com.br